

A inovação tecnológica faz toda a diferença

João Alberto De Negri e José Mauro de Moraes

A produção da indústria brasileira, suas exportações e os empregos gerados são essenciais para o desenvolvimento da economia e para melhoria das condições de vida da população. O envolvimento direto do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada nas discussões da Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior em 2003 mostrou que a indústria nacional é uma das maiores e mais diversificadas dos países em desenvolvimento e que a inovação tecnológica deve estar no centro das políticas que buscam o desenvolvimento sustentável da economia brasileira.

No Brasil, segundo os dados do IBGE, existem aproximadamente 90 mil firmas com mais de dez empregados na indústria. O IPEA classificou estas empresas por estratégia competitiva e identificou que 1,7% das firmas na indústria brasileira inovam e diferenciam produtos. Já as firmas especializadas em produtos padronizados representam 21,3% da indústria.

A maior parte da indústria - cerca de 60 mil empresas - é composta por empresas que não diferenciam e têm baixa produtividade. E nesta categoria que estão concentradas as pequenas e médias e que ocupam em média 34,2 empregados. A grande participação numérica destas empresas não é refletida, entretanto, com mesma intensidade quando o indicador é a participação no faturamento. Estas firmas correspondem apenas a 11,5% do faturamento. No emprego industrial elas representam 38,2% da mão-de-obra ocupada na indústria.

Inovar e diferenciar produto é bom para o país, porque implica melhores salários e, ao mesmo tempo, é possível gerar melhores condições e postos de trabalho. A remuneração média mensal do pessoal ocupado é R\$ 1.254,64 nas firmas que inovam e diferenciam produtos, R\$ 749,02 nas firmas especializadas em produtos padronizados e apenas R\$ 431,15 nas firmas que não diferenciam e têm produtividade menor. O tempo de permanência médio do trabalhador também é maior nas firmas que inovam e diferenciam produtos, 54,09 meses, quando comparado com as firmas especializadas em produtos padronizados que é de 43,90 e com as firmas que não diferenciam e têm produtividade menor que é de 35,41 meses em média.

A inovação tecnológica tem sido erroneamente associada apenas aos setores de alta tecnologia ou à grande empresa industrial. O desenvolvimento de um país, a geração de melhores empregos e salários depende de incorporar conhecimento à produção. O conhecimento pode ser incorporado à produção de uma empresa de diversas maneiras e, no caso da pequena e média empresa, o investimento em máquinas e equipamentos assume um papel de especial relevância para estas firmas realizarem a inovação tecnológica.

O IPEA tem acompanhado o investimento das firmas industriais brasileiras nos últimos anos. Os resultados têm mostrado que 31,4% das empresas industriais não fizeram nenhum investimento nos últimos 10 anos, exceto investimentos em pequenas melhorias. Anualmente, entre as empresas que ocupam de 30 a 100 empregados apenas 50% delas realizaram investimentos. No entanto, nas empresas acima de 500 pessoas ocupadas 94% realizaram investimentos todos os anos. O IPEA acredita que um dos maiores problemas para as pequenas e médias empresas realizarem investimentos está na disponibilidade de crédito.

O mercado de crédito livre no Brasil se caracteriza por diversas falhas no atendimento ao setor empresarial, entre as quais, a mais grave é a inexistência de linhas de financiamentos para investimentos fixos nas empresas. Com o objetivo de resolver em parte essa barreira e facilitar os investimentos em capital fixo, diversos mecanismos institucionais de crédito foram

desenvolvidos ao longo dos anos, como os programas do (BNDES), do Programa de Geração de Emprego e Renda (PROGER) e dos Fundos Constitucionais de Financiamento, sob taxas de juros favorecidas. Observa-se, contudo, que a participação de empresas de pequeno porte em alguns desses programas ainda é muito baixa.

Mais recentemente, começam a ser direcionados às pequenas empresas volumes mais significativos de crédito para o desenvolvimento tecnológico, por meio de diversos programas de apoio à pesquisa e à inovação do Ministério da Ciência e Tecnologia, operacionalizados pela Financiadora de Estudos e Projetos. São os casos dos programas de crédito Juro Zero, dos editais para a concessão de recursos econômicos de subvenção para promover a inovação, e dos diversos programas que a Finep desenvolve em parceria com o Sebrae e com as instituições de ciência e tecnologia nos estados brasileiros.

Contudo, é importante ter presente que, não obstante a maior oferta de recursos, análises realizadas pelo IPEA diagnosticaram que a ampliação do acesso das empresas aos novos programas de crédito depende, fortemente, da intensificação da capacitação desse segmento de firmas, nas áreas de gestão dos negócios, melhor conhecimento do mercado em que desenvolve atividades, técnicas contábeis transparentes e aprimoramento tecnológico. São pré-requisitos importantes para a apresentação às agências de financiamento de projetos viáveis, sob as óticas técnica e econômica.

Fonte: Gazeta Mercantil, São Paulo, 30 abr. e 1 mai 2008, Pequenas e Médias Empresas, p. D2

A utilização deste artigo é exclusivo para fins de pesquisa acadêmica.